

Nota da audiodescritora Bell Machado

A tradução das imagens deste filme é um grande desafio, visto que, não se resume apenas a uma tradução das imagens para as palavras, nem somente ao uso das técnicas do recurso de acessibilidade comunicacional da audiodescrição, mas sobretudo, consiste em uma tradução poética das imagens, que mediante à pluralidade do olhar, às percepções e sensações, nos arremessa às metáforas óticas, tão presentes na leitura dos filósofos iluministas Voltaire e Diderot, em suas obras *Cândido* e *Carta sobre os cegos*, respectivamente, investigadas no mestrado de Bell Machado, “A parte invisível do olhar- audiodescrição no cinema”.

O cinema se utiliza de dois meios para estabelecer a comunicação: a imagem e o som.

No que se refere à imagem, ela constrói sua comunicação de dois modos: pelo conteúdo da imagem e pela forma pela qual captamos esse conteúdo, sua forma de registro. A forma, a maneira pela qual a cena é mostrada é o que dá um sentido para ela e determina a carga dramática desse conteúdo: o lugar da câmera, o deslocamento realizado por ela, a maneira pela qual a ação é filmada, de qual ângulo, de que distância, com qual foco ou contraste, e especialmente neste filme, o ritmo em que as cenas aparecem.

Se a imagem no cinema constrói sua comunicação pela forma e conteúdo, a audiodescrição no cinema também deve seguir os pressupostos da linguagem da arte a que se propõe descrever. Captar o olhar de quem criou a arte de um filme é a tarefa mais incrível do audiodescritor. Só assim será possível, efetivamente, se contribuir para a inclusão cultural das pessoas com deficiência visual, visto que, a audiodescrição não somente aumenta o repertório de imagens na mente dessas pessoas, como também desenvolve novas relações simbólicas, tão fundamentais para a fruição da arte. Obrigada poeta Marcius Clapp, e bom filme a todos!

Bell Machado

Brasil, 2019.